

Versão Online ISBN 978-85-8015-080-3  
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE  
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE  
Artigos

2014

### Ficha para identificação do Artigo Final – Turma 2014

<b>Título:</b> Discutindo Educação Sexual no Contexto Escolar: Provocando Diálogos, Vencendo Desafios	
<b>Autor:</b> Daniela Macias Nogueira	
<b>Disciplina/Área:</b>	Biologia
<b>Escola de Implementação do Projeto e sua localização:</b>	Colégio Estadual Professora Reni Correia Gamper EMPN.
<b>Município da escola:</b>	Manoel Ribas – Paraná
<b>Núcleo Regional de Educação:</b>	Ivaiporã – Paraná
<b>Professor Orientador:</b>	Dra. Virginia Iara de Andrade Maistro
<b>Instituição de Ensino Superior:</b>	Universidade Estadual de Londrina - UEL
<b>Resumo:</b>	A relação interdisciplinar se faz com todas as áreas do conhecimento, tanto no ensino médio como no fundamental e, ainda, em todas as divisões de serviços da escola.
<b>Palavras-chave:</b>	Sexualidade. Educação. Formação Continuada
<b>Formato do Material Didático:</b>	Artigo
<b>Público:</b>	Professores e funcionários

## **SEXUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR: provocando diálogos, vencendo desafios**

*Daniela Macias Nogueira<sup>1</sup>  
Virginia Iara de Andrade Maistro<sup>2</sup>*

### **RESUMO**

O trabalho em questão trata de uma exposição oral dialogada no ambiente escolar, como conclusão do PDE- Programa de Desenvolvimento Educacional, implementado com professores/as e funcionários/as, por meio de formação continuada, no Colégio Estadual Professora Reni Correia Gamper - Ensino Médio, Profissional e Normal, no município de Manoel Ribas, pertencente ao NRE- Ivaiporã-Pr, no ano de 2015. Propõe encaminhamentos para que a sexualidade se torne habitual e seja considerada como um processo de transformação e mudanças no ambiente escolar. Foram realizados oito encontros semanais com professores/as e funcionários/as abordando temas sobre sexualidade, trazendo uma proposta pluralista: apontando encaminhamentos aos cursistas de forma que tiveram acesso a informações, pluralidade de leituras, oportunidades de reflexão e discussão, além da formação continuada sob uma visão laica, dinâmica, moderna e coerente com os tempos atuais. Como resultado final, vemos a importância de espaços para a discussão e aprofundamento de conceitos sobre a sexualidade no ambiente escolar.

**Palavras chaves:** Sexualidade. Educação. Formação Continuada.

### **1 INTRODUÇÃO**

Ao considerar a escola constituída por um público e pedagogias muito diferentes das quais a maioria dos profissionais da educação foram formados, existem diferenças nítidas não só no alunado, mas também na forma como o ensino é realizado, uma vez que a grande maioria dos profissionais da educação teve um ensino tradicional. Porém, mesmo com todas as mudanças na área da tecnologia, da informação e da formação dos profissionais da educação, não podemos deixar de considerar que se trata de situações naturalizadas, devido à forma como sempre foram abordadas e quase nunca discutidas, principalmente quando nos referimos à drogadição, sexualidade e tudo o que a envolve, como: sexo, gravidez, namoro, IST (Infecções sexualmente transmissíveis), entre outros temas.

Segundo Furlani (2011, p.28) “Neste sentido, mesmo que reconheçamos que os cursos de formação não habilitem, adequadamente, professoras/es para o trabalho de Educação Sexual na escola, a formação continuada pode e deve buscar

---

<sup>1</sup> Aluna PDE 2014

<sup>2</sup> Professora Orientadora

suprir essa lacuna”. Portanto, a escola pública tem hoje o dever de atender a todas/os igualmente, sem distinção de cor, credo, etnia, orientação sexual, etc.

No entanto sabe-se que mesmo com uma escola pública laica, ainda acontecem muitas situações de preconceito/discriminação, principalmente ao considerarmos a orientação sexual e a forma como os/as adolescentes/jovens vivem a sua sexualidade, pois a grande maioria relata várias situações constrangedoras durante o período escolar. A escola, por muito tempo, se eximiu da responsabilidade em levar para dentro dos seus muros, discussões e reflexões sobre os vários temas que envolvem a sexualidade, atribuídas às famílias ou à religião ou delegada aos meios de comunicação.

Não podemos deixar de lado que uma grande maioria de profissionais da educação tem procurado melhorar a cada dia, por meio de formação continuada, e de leituras procurando atualizar-se de alguma forma para minimizar essas situações acima citadas. A escola é formada por uma diversidade enorme de pessoas, a maioria dos profissionais, a cada dia que passa, vem buscando formas de atualizações coerentes com seu tempo, as quais forneçam o conhecimento historicamente produzido.

De acordo com Arroyo (2012, p. 47),

Não seria justo pensar que os (as) docentes-educadores (as) não querem ou não são capazes de entender e acompanhar essas vidas-corpos tão vulneráveis. O mais justo será que os currículos de formação aprofundem nos bloqueios da escola e da teoria social, pedagógica e didática para entendê-los e acompanhá-los.

Nesta perspectiva, aprofundar conhecimentos acerca da sexualidade se torna muito importante no atual momento tendo em vista tudo o que já passou no ambiente escolar em relação à educação sexual. Muitas idas e vindas, demissões, expulsões, castigos, interrupções, enfim, devido a vários motivos, que levaram a modificar a situação atual, pois não só a lei está a favor na abordagem da sexualidade, como também uma escola não pode simplesmente negar-se a falar do assunto, haja vista que é de responsabilidade dela também.

Para Maistro (2006, p. 14), a sexualidade “Abrange, além do nosso corpo, nossa história, nossos costumes, nossas relações afetivas, nossa cultura.” E não podemos simplesmente deixar a sexualidade em casa e sairmos quando não queremos falar sobre o assunto.

A sexualidade é e sempre foi um assunto muito polêmico dentro e fora da

escola, por ser carregada de mitos e tabus milenares passados de geração a geração, influenciando as atitudes de muitos/as educadores/as, os quais, às vezes, sem refletir, tomam decisões que podem trazer traumas para a vida toda do educando.

Uma das formas mais abordadas da sexualidade é a biologicista, e quando acontece, é incumbida às disciplinas de biologia e ciências, como se educação sexual tivesse uma estreita relação com o aparelho reprodutor humano. Há pouco tempo que se discute a sexualidade como um processo natural do ser humano, com todas as suas implicações no ambiente escolar e ainda por poucos profissionais, pois as relações sociais só puderam fazer parte do diálogo escolar recentemente.

A sexualidade é construída histórica, cultural e socialmente, e em cada período é encarada de forma diferente, pois a cada tempo a sociedade decide o que é ou não permitido em relação à sexualidade, moral, leis, entre outros. Daí a necessidade de ser discutida na escola, fazer parte do currículo de forma contínua, pautando-se numa educação mais igualitária e voltada aos direitos humanos. Figueiró (2011, p.113) considera que “especialmente o educador que se dispõe a realizar um trabalho de educação sexual, é muito importante submeter-se a um processo pessoal, contínuo, de reeducação sexual, revendo seus valores e aprimorando seus conhecimentos.”

Para trazer a sexualidade para o discurso, ou seja, dar visibilidade ao tema, os/as professores/as devem sentir-se preparados, agirem com naturalidade, tratar a sexualidade como algo natural do ser humano, sem impregná-la de valores pessoais, mitos e tabus. Por isso se torna difícil para alguns educadores realizarem a abordagem, devido à dificuldade de se despir de valores/crenças pessoais.

A (des)construção de valores é uma etapa necessária e deve ser coerente com os tempos atuais, considerando o que foi produzido cientificamente em relação ao tema, pois durante a formação dos/as educadores/as, a sexualidade não se fez presente no currículo formal, porém todos sabemos que no currículo oculto sempre esteve presente, pois quantas amizades, paqueras, namoros, entre outros, aconteceram e acontecem durante o período escolar de jovens e adolescentes.

Por muito tempo, a sexualidade foi restrita ao ambiente familiar, que também se negava a falar sobre o assunto, devido a questões religiosas, morais, falta de conhecimento, entre outros.

Maistro (2006, p.15), expõe esta questão de forma didática:

Seria muito importante que a família se dispusesse a buscar informações e reflexões sobre a sexualidade e a melhor forma de lidar com esses assuntos, pois é obrigação dos pais educar seus filhos para a vida e por essa razão, não podem dar continuidade a uma educação dissociada onde se valoriza o intelectual, o social, o espiritual, deixando de lado o afetivo-sexual. Evidenciar este assunto como os outros, é respeitar o filho de forma integrada e é ainda a prevenção de tantos problemas que envolvem o sexo e a sexualidade nossa e da sociedade.

São poucas as famílias que se preocupam com uma educação sexual natural, coerente aos tempos atuais, devido a muitas situações. Existem aquelas que não concordam que esse tema seja abordado na escola, mas, ao mesmo tempo, sabe-se que a grande maioria dos jovens obtém suas informações com os/as amigos/as mais próximos, mídia, internet, e professores/as, e até em fontes nada confiáveis.

Atualmente se discute muito a permanência da sexualidade no currículo escolar, entretanto, ainda existem aqueles que defendem ser papel da família, outros concordam que a escola é o melhor lugar para se discutir o assunto, porém com ressalvas, somente a parte biológica, que não consideramos como educação sexual. Esta vai muito além disto!

Quando se infere que tratar da sexualidade com os jovens no contexto escolar, Furlani (2011, p. 60) relata que

Ao pensarmos no papel das instituições públicas, a escola, por exemplo, foi apontada como um local que contribuiu e contribui para aprofundar as desigualdades e injustiças sociais: primeiro por “esconder” de seus currículos a multiplicidade das diferenças culturais, e, segundo por insistir em manter o entendimento de uma normalista singular.

Atualmente a sexualidade é reconhecida como um direito de todo cidadão, inclusive de crianças e adolescentes. O conhecimento sobre o tema, seu corpo e tudo o que está relacionada à vida afetiva e sexual. Assim, a abordagem vem contribuir para crianças, adolescentes e jovens desenvolverem uma visão positiva deste processo e construindo seus próprios valores a partir de diálogos, discussões, debates, informações, estabelecendo um pensamento crítico, reflexivo e autônomo auxiliando para as tomadas de decisões acerca de suas escolhas de forma responsável.

Figueiró (2013, p.193) assevera que

A educação sexual deve formar pessoas autônomas, tanto moral quanto intelectualmente. Ao mesmo tempo em que orientamos para que pensem e decidam com seriedade qual o melhor momento para iniciar sua vida sexual,

devemos ajuda-los a entender que, muito antes de se preocuparem em fazer sexo, devem aprender a se expressar sexualmente, por meio de atitudes afetivo-eróticas. Isso significa aprender a dar e receber carícias; a dar e receber afeto; aprender a “curtir” a alegria e o prazer nos pequenos atos eróticos, tais como: tocar; pegar na mão; abraçar; beijar; afagar os cabelos; olhos nos olhos etc.

Muitos jovens acreditam que para viver a sexualidade, é necessário que haja o ato sexual, porém, através de diálogos/debates percebe-se que quando se traz a temática para o discurso, surge uma oportunidade para desmistificar essa concepção, tratando-a com naturalidade, explicando que todos passam por várias fases na vida e que, biologicamente, a adolescência é a fase em que o nosso corpo passa por maiores transformações.

As discussões que acontecem na escola podem oportunizar a construção de pensamentos diferentes sobre a vivência da sexualidade. Os/as jovens poderão construir a partir do que se discute neste local, na família, na sociedade e na religião, seus próprios conceitos acerca de como viver a sexualidade de forma responsável e saudável.

Uma das situações é como deve ser realizado o tratamento e abordagem a/ao homossexual, ou melhor, dizendo ao sujeito LGBTT (lésbicas, gays, bissexual, travesti e transexual) no ambiente escolar. Por muito tempo esses sujeitos foram discriminados, excluídos e até maltratados dentro e fora da escola, por preconceitos, mitos e tabus que vem sendo reproduzidos/repassados ao longo da vida, pela sociedade.

Louro (2007, p.49-50) nos relata que,

Para o campo educacional, a afirmação desses grupos é profundamente perturbadora. Não dispomos de referências ou de tradições para lidar com os desafios aí implicados. Não podemos mais simplesmente “encaminhá-los” para os serviços de orientação psicológica para que sejam corrigidos, nem podemos aplicar-lhes um sermão para que sejam reconduzidos ao “bom caminho”. Mas, certamente, é impossível continuar ignorando-se.

Depois de muitos abandonarem a escola, sofrerem preconceitos, discriminações, traumas, as lutas dos movimentos sociais LGBTT (Lesbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) e ONGs (Organizações não Governamentais), estes/as tiveram seus direitos reconhecidos pela sociedade. Com a universalização da educação, estes sujeitos, perante a lei, podem retornar ao ambiente escolar e fazer valer seus direitos de cidadãos, porém, na prática sabemos que estas questões não caminham totalmente embasadas nos direitos humanos devido à falta

de conhecimento, mitos, tabus, preconceitos, entre outros.

A formação continuada para os professores, pessoal da administração e outros que atuam no interior da escola pode trazer a sexualidade para o discurso, de forma que possam rever/reconstruir seus valores, mas na sociedade também, pois se veem constantemente casos de preconceitos e homofobia serem veiculados pela mídia de maneira geral e, na maioria dos casos sem punição.

Segundo Furlani (2011, p. 87) “a educação formal pretende contribuir para o “desenvolvimento integral do indivíduo” e para sua inserção numa vida de “cidadania plena”, a educação sexual é assunto que não pode ficar ausente dos currículos escolares.” Assim, a escola não pode se ausentar do diálogo sobre a sexualidade, pois a sociedade se faz presente no ambiente escolar a todo o momento, ora como estudante, ora como responsáveis pelos estudantes.

Maistro (2006) vai além de uma simples abordagem da sexualidade, coloca como parte integral da vida de qualquer ser humano. Sendo assim, não podemos restringir somente as disciplinas de ciências e biologia, todos devem participar. É muito importante a busca contínua de informações, debates, discussões para melhorar a cada dia nosso conhecimento e nossa maneira de posicionar mediante as situações que nos são colocadas no dia-a-dia.

Para Maistro (2006, p. 89) argumenta que:

O que justifica uma instituição optar por um trabalho dessa natureza é a preocupação em informar o aluno sobre temas que o angustiam e despertam curiosidades, sobre a necessidade que o adolescente tem de falar sobre suas emoções, dúvidas, conflitos, de discutir assuntos considerados difíceis de serem abordados pelos pais, de quebrar barreiras e tabus sobre a sexualidade (aquilo que é considerado “sujo”, “pornográfico”, “pecado”, “folclore”), bloqueios que, por vezes, interferem na aprendizagem.

O trabalho de educação sexual torna-se importante quando envolve toda a prática educativa, de modo que todas as áreas do conhecimento se disponham a tratar da temática por meio de sua própria proposta de trabalho, adequando ao seu conteúdo quando possível. Fornecer subsídio educadores/as para que a escola trate a Educação Sexual como algo fundamental, importante e natural na vida das pessoas, contribuindo para uma visão positiva da sexualidade e de como vive-la de forma consciente e responsável.

Maistro (2006, p. 20) ressalta esta concepção:

[...] é no contexto escolar que podem originar vínculos significativos entre



alunos e professores e ali encontra-se ambiente acolhedor e clima de respeito. E é neste ambiente que se adquirem informações e maior consciência da autonomia pessoal e, ao longo do processo pedagógico, uma melhor compreensão dos movimentos políticos e culturais que envolvem a sexualidade, questão ampla e polêmica, marcada pela história, pela cultura e pela evolução social.

Nunes e Silva (2000, p. 120) explicam que a sexualidade só fará parte do currículo

[...] quando reconhecida pela escola toda, como dimensão básica e fundamental no processo humano e educativo. Não há educação sexual voluntarista e espontaneísta. É essencial compreender que a educação sexual não consiste em um conjunto de informações médico-biológicas, nem terapêutico-descompressivas. É formar a pessoa inteira para uma vivência gratificante e responsável de sua inalienável capacidade humana de desejar e ser desejado, amar e ser amado.

A educação sexual não pode se limitar ao único objetivo de dar informações reprodutivas e preventivas, em relação às IST (Infecção sexualmente transmitida), HIV/AIDS, gravidez na adolescência, homossexualidade. Deve considerar a dimensão política, social, cultural, histórica e ética, e que é parte integrante do ser humano e se manifesta de diversas formas.

Uma educação sexual coerente como os novos tempos traz a sexualidade como parte do ser humano desde o nascimento até a sua morte. Silva (2006) nos coloca que além de ser fonte de prazer, de bem-estar físico e psicológico, de troca, de comunicação e de afeto, a sexualidade estabelece relações entre as pessoas e faz parte do seu desenvolvimento e da sua cultura.

Várias questões se associam à sexualidade de forma muito íntima, iniciando pelos valores atribuídos de acordo com que cada cultura a põe em prática. Cada povo possui diferentes modos de vivê-la, alguns com mais liberdade e outros com menos, mas é sempre regida por regras de moralidade e de ética estabelecidas em cada cultura e época.

## **2 METODOLOGIA**

O presente trabalho foi desenvolvido com professores e funcionários sendo catorze mulheres e três homens do Colégio Estadual Professora Reni Correia Gamper, Ensino Médio, Profissional e Normal, do município de Manoel Ribas - Pr, Núcleo Regional de Educação de Ivaiporã - Pr, em oito encontros semanais, com a duração de quatro horas cada um.

Diante do vivenciado no dia-a-dia escolar e na sociedade, o curso apresentou estratégias que oportunizaram discussões acerca das dificuldades na abordagem da sexualidade de uma maneira prática, transformando-a no mais natural possível através de uma nova proposta, partindo do lúdico, propondo a construção de relações com a realidade, por meio de dinâmicas, leitura de textos, filmes e situações problemas.

## **2.1 Primeiro encontro: Diversidade no ambiente escolar. Texto de Arroyo**

Neste primeiro encontro abordou-se a diversidade no ambiente escolar, a atividade inicial era a leitura do texto: Miguel G. Arroyo (2012, p. 23-54), *Corpos precarizados* que interrogam nossa ética profissional, seguido de questões para análise e discussão em grupo. Antes da socialização das respostas no grande grupo e debates acerca do texto, realizou-se uma dinâmica para identificar a diversidade de sujeitos presentes no ambiente escolar, foram identificadas culturas diferentes, idades, gerações, gostos, conforme a faixa etária, famílias conservadoras, tiveram a percepção de que cada um é diferente do outro, o que levou-os a refletir sobre o que representam na escola e na sociedade.

Em uma visão geral do texto, o grupo coloca que as crianças querem respostas; os corpos destas crianças são machucados pela vida e o/a aluno/a traz toda essa bagagem para a escola; consideram que os/as professores também são corpos precarizados e que vivem uma angústia de não dar conta de ensinar a todos/as; questionam-se como salvar o mundo? Alguns encaram a profissão de educadores como uma profissão que gera perigo; indagam se estão preparados para trabalhar nesse meio; reconhecem a necessidade de dar mais atenção ao aluno/a e que eles/as devem refletir melhor sobre a diversidade que está posta; questionam ainda como trabalhar o conteúdo e contribuir para a formação desses jovens diante de situações diversas.

Arroyo (2012) ressalta que é muito importante conhecer a realidade de nossos educandos/as, pois somente assim poderemos melhorar a situação precarizada em que muitos vivem.

Ao refletirmos a questão em que se trata da ideia central do texto e como ela se identificaria com a realidade da escola em que atuam, os/as cursistas relatam que a influência de aspectos da sociedade que interferem na escola, que diferentes

tratamentos tornam o/a adolescente violento e que a ideia central do texto está pautada na realidade vivida pela grande maioria de nossos/as infanto-adolescentes, que trazem seus corpos precarizados, maltratados, sendo que, na maioria das vezes, a violência com que reagem na escola é o reflexo do que vivem. Consideram ainda aqueles que são violentos, assim o são porque são violentados constantemente.

Enfim, uma reação ao injusto viver de muitas crianças. Outros consideram a ideia central de como os corpos precarizados vem sendo tratados pela sociedade, como foco na escola, e como tem sido o posicionamento dos profissionais da educação, observam as políticas públicas, a postura dos governantes frente a estes corpos. Em relação à realidade, a princípio, relatam um choque com alguns pontos citados, como as questões de drogas ou indisciplina dentro do colégio. Normalmente, culpa-se os pais, como se eles não tivessem conduzido bem a educação do/a jovem, porém, consideram que estas situações são desencadeadas por problemas da sociedade e que os pais não podem ser responsabilizados unicamente, mas sim, um conjunto de problemas que levam a estas situações.

Segundo Arroyo (2012) as crianças representam uma vida diferente na escola, como forma de esquecer tudo o que passa fora dela. Quando tentamos recuperar a humanidade seria uma forma de devolver o que lhes foi roubado, politizando de forma a humanizá-los.

Ao considerar a concepção de Arroyo (2012), todos reconhecem que as pessoas que trabalham no ambiente escolar não devem ter preconceitos, pois ali, toda a sociedade, independente de sua condição, tem acesso, pois fala-se de uma escola pública, onde se deve buscar um bom atendimento a todos/as, para isso devem, como profissionais éticos atender bem cada um que chegar em um estabelecimento de ensino.

No questionamento sobre a importância de se conhecer a realidade de nossos educandos os cursistas relatam que é necessário pesquisar sua história para poder ajudá-los, reconhecendo quais são as reais necessidades, saber qual a melhor forma de trabalhar com o educando, não significando tratá-lo de forma diferente, mas sim da forma como é necessário para que ocorra a aprendizagem.

Sobre o que seria uma nova ética profissional, ainda de acordo com o texto de Arroyo, os cursistas entendem que seriam necessárias mudanças na política, acreditam, ainda, que a nova ética constitui-se em um novo posicionamento dos

profissionais que atuam na escola, voltada para a realidade atual, pois a demanda de educando já sofre com as mais diferentes violências impostas, muitas vezes, pelo meio em que está inserida, cabendo a escola e logicamente àqueles que elaboram as leis que mudem a postura frente a nova situação e aprendam a trabalhar com estes alunos.

Para Arroyo, em muitos casos, tratamos o educando da mesma forma que anos atrás no ensino tradicional e, em várias situações, nada melhorou, e o sistema, ao invés de ajudar, complica cada vez mais. À escola cabe trazer para a reflexão teórica e profissional o desenvolvimento humano, intelectual, ético, identitário, para construir uma escola mais justa formando indivíduos éticos.

Os cursistas acreditam que a melhor forma de emancipar nossos adolescentes/jovens nos dias atuais seria orientá-los com responsabilidade para viver em sociedade, valorizando a vida, o direito a um digno e justo viver, dar oportunidades a esse jovem de se sentirem acolhidos pela escola, de forma ampla e sem preconceitos. Com esta postura, oferecer condições de ensino e aprendizagem para que o aluno aprenda, adquira o conhecimento.

A maioria não considera uma parte dos/as professores/as e funcionários preparados para lidar/tratar/abordar a diversidade de sujeitos presentes no ambiente escolar, porém, ao receberem formação continuada, esta realidade pode mudar, pois estes indivíduos estão em busca de aprender e abertos a lidar com os casos que por ventura surjam.

Ao interpretar a frase de Arroyo (2012, p.42), “Cabe à pedagogia e à docência e aos estudos e à história da infância torná-los visíveis e críveis”. Os cursistas relatam que para Arroyo é significativo que os alunos nos chamem tanto a atenção e despertem tanta preocupação, sinal que está faltando algo, que cabe aos professores resgatar os valores que se perderam com a realidade, “perdendo a inocência, sendo agredidos com gestos ou palavras”.

Existem várias leituras e linguagens escolares que bloqueiam a aprendizagem, porque os adolescentes ignoram a riqueza e os significados expostos em seus corpos. Portanto, deve-se partir para a superação de preconceitos tanto social como escolar, reconhecer direitos e justiça e, principalmente, que ainda há muito o que fazer. Neste contexto, o aprendizado é o único bem que ninguém poderá roubar, a escola em todas as esferas, além do espaço físico, é responsável por mostrar aos jovens/estudantes, seu papel na sociedade e buscar despertar neles

a esperança de um mundo melhor.

## **2.2 Segundo encontro: Participação Juvenil: um pouco de leis**

Sobre a participação juvenil e um pouco de leis, primeiramente foi realizado uma dinâmica com imagens de jovens/adolescentes realizando diversas atividades dentro e fora da escola, previamente selecionadas e coladas pela sala, onde foi realizado o encontro. Com a finalidade de reconhecer o público presente na escola, cada participante escolheu uma imagem e expôs a sua opinião e o porquê da escolha da imagem, os comentários relatados, na maioria, eram de que retratavam atividades vivenciadas no dia-a-dia escolar. Em algumas imagens que retratavam o uso da tecnologia foi colocado que só deve ser utilizada no ambiente escolar se todos/as tiverem acesso com igualdade.

Na imagem que retratava a exploração sexual, os alunos relatam que isso afasta os/as jovens da escola e devemos dar mais atenção a esse problema, pois muitos/as alunos/as evadem-se quando se encontram nesta situação, e questionam como a escola vem lidando com esse problema e de que jovens e adolescentes estamos falando. É importante reiterar que os jovens sugerem a premente reflexão sobre estas situações.

De acordo com Furlani (2011) a formação oferecida na escola deve construir um indivíduo pleno, íntegro, sendo capaz de dizer não à exploração sexual. Isso só se torna possível através de diálogos, debates, informações e principalmente entendimentos acerca desta situação.

No ambiente escolar, temos uma diversidade muito grande de indivíduos. Dessa forma, os cursistas sugerem que a escola dialogue sobre as IST – Infecções Sexualmente Transmissíveis, como por exemplo o HIV/Aids. Concordam que os movimentos sociais têm um importante papel nas mudanças de atitudes, pois lutam por interesses em comum, e a escola pode incentivar os/as jovens a participarem desses movimentos com o intuito de gerar lideranças responsáveis, como por exemplo: o grêmio estudantil, o conselho escolar, representante de sala, amigos, entre outros. Destacam, ainda, que podemos mostrar que o uso da tecnologia deve contribuir para o nosso bem, questionam como podem transformar o nosso/a jovem. Frisam serviços mais amigáveis para adolescentes e jovens e afirmam que não podemos deixar o individualismo e preconceito em sala de aula acontecer durante o

desenvolvimento de atividades. Ressaltam a importância de se conhecer as leis para estar melhor preparados em sala de aula e no ambiente escolar.

A segunda atividade consistiu em distribuir aos cursistas organizados em grupo, algumas situações problemas como o objetivo que propusessem um encaminhamento de acordo com seus conhecimentos prévios.

**Situação 1: o que fariam se um jovem de 18 anos lhe dissesse que teve relações sexuais com uma garota de onze anos de idade?**

A resposta do grupo foi coerente com a lei vigente, pois explicariam que é crime e se houvesse denúncia, a pessoa que cometeu este ato teria que responder pela sua atitude.

**Situação 2: o que fariam se um jovem de 12 anos dissesse que iria ao serviço de saúde fazer um teste anti-HIV sem falar com seu pai ou sua mãe?**

O grupo propôs uma conversa a três, caso o jovem não quisesse conversar sozinho com seus pais o/a professor/a participaria da conversa.

**Situação 3: o que fariam se um jovem lhe dissesse que costuma bater na sua namorada e que ela gosta?**

O grupo concorda em alertar para as possíveis consequências perante a lei.

**Situação 4: a escola disponibilizar preservativos para adolescentes que quisessem, mas os pais ou a igreja reclamassem?**

Iriam orientar os pais sobre o porquê de disponibilizar como, por exemplo: é melhor usar preservativo e prevenir-se do que adquirir um IST e/ou gravidez precoce, de nada adianta a distribuição de preservativos se não existe diálogo e informação sobre seu uso.

**Situação 5: o que fariam se um/a adolescente lhe falasse que está com uma IST e lhe pedisse para acompanhá-lo/a ao posto de saúde sem que seus pais soubessem?**

Em sua maioria, a resposta foi que acompanhariam sem mais problemas.

**Situação 6: se uma jovem que vive com HIV dissesse que seu maior sonho é ser mãe?**

Aconselhariam a procurar um especialista para obter uma orientação correta.

Esta dinâmica teve o objetivo de conhecer as leis e saber usá-las, para isto, após estas respostas, foi realizada uma exposição oral dialogada sobre as leis vigentes. A discussão fez com que os cursistas refletissem e algumas respostas foram alteradas, como por exemplo: no questionamento dois, sobre o direito de ser

atendido no posto médico, a princípio, sem o conhecimento dos pais, relataram ainda que muitos/as jovens deixam de ser atendidos por falta dos responsáveis.

### **2.3 Terceiro encontro: Relações de Gênero**

Discutiram a importância da escola abordar a Lei Maria da Penha (2006) e os Direitos reprodutivos e sexuais no ambiente escolar para evitar que as situações apresentadas aconteçam. Reconheceram a falta de informação sobre as leis que permeiam a sexualidade e a falta que esse conhecimento faz para que possam tomar atitudes coerentes. Isto confirma a hipótese que muitos não abordam o assunto por falta de informação e insegurança (2011).

**A primeira atividade** tratava das relações de gênero, iniciou-se com a leitura de um texto sobre o tema proposto, com a intenção de aprofundar os conhecimentos, para isso foi solicitado que, durante a leitura, retirassem do texto os pontos que considerassem mais importantes em relação ao tema, após a leitura, abriu-se o grande grupo para um debate acerca dos entendimentos obtidos, os/as cursistas relataram que o conceito de gênero refere-se a uma construção social do sexo anatômico, ou seja, sabemos que há machos e fêmeas na espécie humana, no entanto, a maneira de ser homem e de ser mulher é formalizada pela cultura, não decorrendo da anatomia de seus corpos.

Afirmam que a mídia interfere no modo de ser das pessoas e que a família, geralmente, ao educar crianças, usa termos como este brinquedo é de menina e este é de menino, por este motivo a comunidade escolar necessita ter consciência de que sua atuação não é neutra.

Educadores/as precisam estar atentos ao currículo oculto que contribui para a perpetuação de tais relações. Somente em 1870, o governo brasileiro abriu as instituições de ensino superior à entrada das mulheres. Em 1932, o voto foi permitido para as mulheres. Na segunda metade do século XX, a pílula contraceptiva permitiu que as mulheres controlassem seu corpo em relação à reprodução e não fazerem da maternidade algo necessariamente compulsório. Neste viés, os cursistas reconhecem a importância dos movimentos sociais na luta contra as desigualdades de gênero.

**A segunda atividade** era assistir ao filme “Era uma vez uma outra Maria”, que aborda as relações de gênero, educação sexual familiar e papéis que a

sociedade impõe para ambos os sexos através de uma linguagem educativa. Após assistir ao filme, foi aberto o debate com a discussão sobre as possibilidades de uso do filme em sala de aula e suas justificativas. Em sua maioria os/as cursistas concordaram com o uso do filme como forma de melhorar a abordagem da sexualidade no ambiente escolar, porém, ressaltam a importância do/a professor/a estar preparado para discutir sobre assunto, para não perpetuar machismos e sexísmos, pois para Maistro (2006) não são todos que podem realizar a abordagem, somente aqueles/as que estabelecem vínculos e estão preparados/as.

Na **terceira atividade** deste encontro foi proposta uma dinâmica: a caixa de pandora. Com o objetivo de fomentar a discussão e o entendimento acerca das relações de gênero, dentro de uma caixa, havia imagens e ditados populares previamente selecionados. Cada cursista poderia escolher um deles e, posteriormente, comentar o sentido, a impressão ao falar/ver a situação colocada, as imagens, em sua maioria, retratavam propagandas de produtos de limpeza, os quais, imediatamente os relatos foram que estas sempre são produzidas e direcionadas para mulheres, como se a limpeza de uma casa, em geral, fosse obrigatoriamente de mulheres. Ditados populares como: “mulher no volante, perigo constante”; “lugar de mulher é na cozinha”, entre outros, discutiram que essas expressões não fazem mais sentido, visto que os direitos são iguais. Sendo assim, os cursistas reconhecem a presença das desigualdades, mas, ao mesmo tempo, que devem combatê-las com o diálogo e informação no ambiente escolar. Com o intuito de sanar o máximo possível de dúvidas sobre o tema, foi realizada uma exposição oral dialogada acerca das relações de gênero.

#### **2.4 Quarto encontro: Sexualidade: conceitos importantes**

Referente a conceitos importantes sobre sexualidade **a primeira atividade**, foi a leitura do texto: Corpo: sexo ou sexualidade? (NUNES, SILVA, 2001, p. 9-16). Este texto retrata um pouco do dia-a-dia escolar, trazendo também alguns conceitos, como o que é sexualidade, realidade escolar, entre outros. Após a leitura, realizou-se uma discussão acerca das diferenças entre sexo e sexualidade e as possibilidades de abordagem e tratamento em sala de aula nas diversas disciplinas. Os/as cursistas relataram que a grande maioria dos/as jovens associam a vivência da sexualidade com a realização do ato sexual, ou seja, acreditam que para vivê-la



têm que fazer sexo, porém, após as discussões, reconhecem que se pode viver a sexualidade das mais variadas formas, não sendo obrigatório a realização do ato sexual. Colocam ainda que é necessário dialogar sobre a sexualidade, informando, formando, refletindo, de forma que consigam ter uma vida sexual consciente e responsável.

Na **segunda atividade** foi realizada uma dinâmica: O que é sexualidade, afinal? Com o objetivo de compreender a diferença entre sexo e sexualidade, conceituar o termo sexualidade, discutir sobre a forma como a sexualidade é construída e suas manifestações na adolescência e na juventude, para isso foi distribuída uma poesia de Carlos Drummond de Andrade: O que se passa na cama: “É segredo de quem ama, Não conhecer pela rama, Gozo que seja profundo,...” a qual todos leram em voz alta, cada um leu uma linha da poesia, e depois realizou-se uma leitura coletiva, em seguida, foram questionados se haviam tido algum tipo de sentimento diferente de outra leitura qualquer. Os participantes relataram que, no início, sentiram um certo constrangimento, mas depois, na leitura coletiva conseguiram ler com maior tranquilidade, viram que a sexualidade mesmo em situações que deveriam ser encaradas com naturalidade acaba tornando-se um tabu.

Após a leitura da poesia, a turma foi dividida em grupos de aproximadamente quatro integrantes. Cada grupo deveria responder a um questionamento, sobre por que se diz que a sexualidade é uma construção histórica e cultural? Que exemplos teríamos para exemplificar essa afirmação? Relatam que, em cada momento da história, a sexualidade é vivida de uma maneira, com o desenvolvimento da humanidade o comportamento sexual vai transformando-se, existindo ainda influências culturais e, em algumas culturas várias situações são consideradas tabus e, em outras, há bastante liberação sexual.

Em relação a como os/as adolescentes e jovens vivenciam sua sexualidade, acreditam que os/as adolescentes estão em uma fase de descobertas, portanto, em algumas atitudes, eles/as estão descobrindo o corpo e diferentes sensações. Muitos agem por curiosidade de vivenciar relacionamentos homossexuais, e não significa que serão. Nesta fase ainda são influenciáveis, deixam-se levar por ideologias de um grupo, tribo, entre outros.

Ao indagar se a sexualidade é da mesma maneira com meninos e meninas e o porquê? Relatam que, ao pensar em sexualidade, acreditam que acontece de

criança até o fim da vida, pensam que a sociedade confunde a sexualidade com o próprio “ato sexual”. A descoberta, a curiosidade e o desejo acontecem de maneira igual em ambos os sexos, mas, por questões culturais, as meninas escondem seus desejos e vontades em relação aos meninos, hodiernamente por questão de influência da mídia (moda), demonstram com facilidade suas vontades e desejos.

## **2.5 Quinto encontro: Sexualidade e Direitos Reprodutivos na Adolescência**

Sobre sexualidade e direito à saúde reprodutiva na adolescência, **a primeira atividade:** foi uma dinâmica: Sexualidade e Gênero: o que está nos livros didáticos, com o objetivo de refletir sobre as imagens/mensagens que os livros didáticos trazem sobre a sexualidade e o gênero e suas possibilidades didáticas nas diversas disciplinas do ensino médio. Foram formados grupos de quatro participantes, e cada grupo recebeu um livro de uma dada disciplina do ensino médio e um roteiro de questionamentos para serem analisados.

Em seguida, foi formado um grande grupo para discutir/refletir as possibilidades e realidades. Relataram que o que chamou a atenção foi a possibilidade de todas e/ou quase todas as disciplinas do ensino médio terem condições de realizar a abordagem da sexualidade e do gênero, procurando envolver em algum dos conteúdos a temática. Ressaltaram a importância de aproveitar a oportunidade do/a aluno/a ter curiosidade ou até demonstrar vontade de aprender algo mais.

Relacionado ao roteiro, chegaram à conclusão de que homens e mulheres são representados nas imagens de forma a retratar a época contemporânea. Essas imagens apresentam pessoas normais, famílias trajadas com roupas de acordo com o padrão usado na sociedade. E nas gravuras que representam a antiguidade são as vestimentas usadas na época, as quais os homens apreciam dorso e pernas de fora, mulheres e crianças nuas, ou seja, são gravuras nas quais se destacam o corpo de acordo com o período histórico cultural que é retratado. Colocam ainda as organizações no trabalho, no lazer, retratam negros em diferentes culturas.

Sobre o padrão dos corpos geralmente apresentados, em alguns momentos o feminino está dentro de padrões de beleza considerados “perfeitos” na atualidade, magro e alto. Em outros, apresenta maior diversidade, como, por exemplo, negros, brancos, magros, deficientes. As imagens apresentam corpos naturais, mas, na

maioria, são corpos perfeitos e femininos, existe a presença de cabelos negros esvoaçantes, até mesmo figuras infantis, outras vestidas como adultas, corpos que apresentam pequenas tatuagens, homem vitruviano.

Sobre o fato do livro de biologia fazer referência ao social e ao cultural quando definem homens e mulheres relatam que ocorre em muitos momentos, porém, em outros, só utilizam a forma biológica. Em relação ao tratamento da reprodução, os cursistas foram questionados se os livros de biologia tocam em questões afetivas e sociais, responderam que não, pois ao abordar a reprodução, respeita-se a individualidade de cada um. É obrigação da escola trabalhar tal conteúdo de forma científica alertando-as para cuidar de seu próprio corpo, deixando de lado qualquer discussão que evidencie as relações sociais.

Os livros didáticos já respeitam o uso dos termos inclusivos, ou seja, usam “ser humano” ou “pessoa humana” em vez de homem. Referente a qual conteúdo das diversas disciplinas seria possível o tratamento sobre sexualidade e gênero, relatam que em qualquer disciplina e também em qualquer ambiente do colégio em que surja a temática, é interessante ocorrer a intervenção, com o intuito de esclarecer dúvidas ou mal entendidos para que não ocorram situações de preconceito/discriminação, sendo que cada educador pode organizar seu conteúdo de forma a oportunizar a abordagem. Para Nunes e Silva (2000), o reconhecimento da importância da abordagem da sexualidade por toda a escola a torna ambiente cujo processo torna-se humanista e educativo.

**Na segunda atividade** deste encontro que consistia em assistir ao filme JUNO, com o objetivo de discutir a importância do debate, não somente da gravidez na adolescência, mas de todo um processo de ensino aprendizagem trazendo a sexualidade para todas as disciplinas do currículo escolar, haja vista que todos/as reconheceram a imaturidade, falta de informação e dúvidas que o adolescente vive nesta fase da vida, e que é muito difícil encarar uma gravidez num período de tantas mudanças no campo psicológico, sexual e ainda a busca de sua personalidade. Ressaltaram ainda o papel da família neste momento da vida.

## **2.6 Sexto encontro: Diversidade sexual**

**A primeira atividade** tinha o objetivo de levá-los a reconhecer as várias formas de manifestação da sexualidade, para isso foram formados grupos de quatro

peças e cada grupo recebeu um roteiro com questões para responderem em grupo e depois no grande grupo.

**Questão 1:** quais características um/a adolescente/jovem precisa ter nos dias de hoje para ser mais valorizado? Até que ponto essas expectativas sociais tolhem a liberdade e a felicidade da pessoa?

O relato do grupo é que deve ter boa aparência, dependendo do grupo ao qual está inserido, pois se tratando do grupo de adolescentes o/a mesmo/a deve ter dinheiro, beber, ser magro/a (sarado), roupa da moda (de marca), participar de baladas. E para ser aceito pela sociedade, deve ser diferente do que foi citado, e por causa das expectativas da sociedade muitas vezes tem que deixar de fazer o que citamos para se enquadrar e ser aceito em sociedade. Porém, acreditam que tal comportamento não traz felicidade a ninguém, nem tão pouco a liberdade e acaba atrapalhando sua vida.

**Questão 2:** Os homossexuais são normais e as demais orientações e manifestações da sexualidade são desvios de caráter ou pouca vergonha? O que você acha disso?

A opinião dos/as cursistas é de que vieram de uma cultura religiosa que prega a heterossexualidade como normal, e devido a isso, o diferente é considerado falta de caráter e ainda outros termos pejorativos, outros reconhecem o direito à liberdade de viver a orientação sexual, desde que haja responsabilidade e respeito para com o próximo, pois somos todos seres humanos.

**Questão 3:** Quais os tipos de preconceitos existem em relação a quem gosta de pessoas do mesmo sexo? Por quê?

Colocam que ainda existem situações de vergonha da própria pessoa, em alguns casos a família é culpada e discriminada, risadas, *bullyng*, exclusão social e familiar, percebe-se que não respeitam as diferenças.

**Questão 4:** que tipo de preconceito e discriminação um gay, um travesti, uma lésbica, uma pessoa bissexual e um transexual costumam enfrentar durante a sua vida?

Os funcionários/as e professores/as relatam que além do que já foi citado, existem situações complicadas no trabalho como dificuldade em arrumar um trabalho, na comunidade, na escola, agressões que levam à morte, ameaças, violência psicológica.

Em relação ao que já presenciaram ou ouviram, relatam que muitas pessoas

criticam, são desprezados, em alguns grupos, rejeitados, pensam que deve-se respeitar as pessoas, independente de sua orientação sexual, raça, credo, etnia, religião, entre outras. Segundo Louro (2007), a visibilidade de sujeitos homossexuais é perturbadora, pois antigamente eram encaminhados a tratamentos psicológicos, e agora não se pode mais tomar tal atitude, existem poucas bibliografias a respeito e a escola deve aprender a respeitar o que ainda não é a realidade.

**Na segunda atividade**, uma leitura do texto: Orientação Sexual: comportamentos e identidades sexuais (BRASIL, SECAD/ MEC, 2009), e O movimento LGBT Brasileiro: A questão da visibilidade na construção de um sujeito político e o combate à discriminação sexual e de gênero (BRASIL, SECAD/ MEC, 2009). Com o objetivo de aprofundar conhecimentos sobre diversidade sexual, primeiro refletiram em grupos de três a quatro pessoas e depois, durante a discussão no grande grupo, colocaram que é muito importante ter conhecimento sobre o assunto, pois é pouco comentado de forma respeitosa entre os/as colegas de trabalho e na sociedade, e que, na função de educadores/as, é preciso evitar afirmações sobre o caráter moral e religioso para não deixar que estratégias pedagógicas sejam desresponsabilizadas.

#### **Sétimo encontro: Famílias: como são formadas atualmente**

Na sétima unidade sobre como são formadas as famílias atualmente, a **primeira atividade** era assistir ao filme: “Do que é feito uma família”, que conta a história de um casal de lésbicas que luta para ter seus direitos reconhecidos, com o objetivo de refletir sobre as constituições familiares. Ao discutirem no grande grupo, reconhecem que o que faz uma família é o amor, sentimento entre as pessoas e não o sexo a que pertence ou deixa de pertencer, e que devem sim ter seus direitos reconhecidos como qualquer cidadão.

**Na segunda atividade** para identificar os vários tipos de constituições familiares, com o objetivo de conhecer os diversos modelos de família e entender as múltiplas formas de conjugabilidade – os laços afetivos e a convivência mútua, reconhecem como predominante a família mononuclear, e que existem muitas constituídas somente por mães e filhos/as ou pais e filhos/as. Não deixam de reconhecer as novas constituições familiares, mas a família ideal seria aquela que vive em harmonia, dialoga independente de quem faça parte, pois em toda união existem conflitos.

Segundo Furlani (2003), em uma educação sexual que visa problematizar a

exclusão de sujeitos da diversidade, é necessário inserir no debate outras constituições familiares, mesmo que não sejam comuns.

### **Oitavo encontro: Sexualidade: considerações finais**

No último encontro em relação às considerações finais, com o objetivo de retomar os conhecimentos construídos durante os encontros realizados, foram distribuídos papel e caneta para cada participante. O objetivo era pensar e escrever individualmente sobre alguns apontamentos em relação ao tratamento/abordagem da sexualidade no ambiente escolar ao término dos encontros.

A maioria relatou que é sempre bom aprender, conhecer, aprimorar conhecimentos, bem como conhecer as leis, conceitos e trocas de experiências. A cada término de encontro, puderam perceber situações que vivenciam na realidade escolar, que poderão orientar na prática pedagógica, através de informações e a compreensão de várias situações do dia-a-dia.

Reconhecem a importância de um diálogo aberto com os jovens, esclarecendo e até amparando em momentos de dificuldade. De acordo com Figueiró (2013) “a educação sexual deve formar pessoas autônomas, tanto moral quanto intelectualmente”, para que possam refletir e decidir qual a melhor hora para dar início a sua vida sexual de forma responsável.

Os participantes ressaltam a dificuldade de não poder contribuir em situações de dificuldade de abordagem da sexualidade devido à presença de mitos e tabus, de questões religiosas e, ainda, o preconceito existente por parte de alguns profissionais da educação no ambiente escolar, fazendo com que a formação dos jovens seja prejudicada em relação à construção de uma autonomia sexual. Colocam a relevância de organizar um tempo maior para a realização do trabalho com a comunidade escolar, pois, atualmente, reconhecem o pouco tempo disponível para tal discussão, a falta de conhecimento, constrangimentos ao se tratar da sexualidade, principalmente no ambiente escolar.

Devido à heterogeneidade existente no ambiente escolar, citam que alguns podem possuir maior conhecimento do assunto, porém, reforçam o papel do educador em mediar os debates acerca do tema proposto, procurando minimizar estas diferenças existentes em relação à informação.

Foi possível perceber que ainda não são todos que se sentem preparados/seguros para realizar a abordagem da sexualidade com a naturalidade esperada pelos tempos atuais. Isso deve em partes à dificuldade de se despir de

preconceitos, mitos e tabus de alguns profissionais e se abrirem para um novo conhecimento sobre educação sexual no ambiente escolar.

Como sugestão os/as cursistas propõem a realização periódica de cursos sobre educação sexual com a comunidade escolar, de palestras referentes aos direitos e deveres no que diz respeito à saúde sexual, de atividades que se refiram aos papéis de homens e mulheres na sociedade, levando-se em conta a igualdade de direitos, pois reconhecem que ainda existe muita falha no tratamento das relações de gênero.

Sugerem ainda o debate constante sobre as novas constituições familiares, procurando trazer filmes que retratem situações do cotidiano e oportunizar diálogos e entendimentos sobre o tema abordado no filme de forma coerente com os tempos atuais. Também afirmam que a família, como parte da comunidade escolar deveria manter maior contato com o ambiente escolar, possibilitando um melhor entendimento quando se trata de assuntos referentes à sexualidade, como forma de minimizar as dificuldades de entendimento/conhecimento/consentimento sobre a educação sexual realizada na escola.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com este trabalho, observamos a relevância quanto ao diálogo, a necessidade de cada um expressar suas opiniões, ser claro em relação ao tema, conseguir pensar em como realizar o trabalho na escola. Ele também oportunizou a aproximação de temas que alguns participantes nunca haviam ouvido falar.

Compreendemos que, na maioria dos casos, os pais não têm condições de debater o assunto em casa e é na escola que, muitas vezes, procuram informações, daí a importância da formação continuada.

Sabedores da defasagem de conhecimentos sobre o tema entre os/as adolescentes, e que os pais não educam neste sentido, não podemos culpá-los, pois muitos deles que não possuem conhecimento necessário para tal.

Se a escola trabalhasse com mais frequência e naturalidade esse tema, talvez seria possível prevenir muitas situações não desejadas pelas famílias, apesar de não se sentirem seguros para abordar a temática em sala de aula e terem ciência que existem muitos preconceitos, deles mesmos.

Durante esta pesquisa, na formação continuada sobre sexualidade humana,

por meio de discussões, indicação de leituras, reflexões, filmes, dinâmicas e debates, percebeu-se a ausência de informações e conhecimentos sobre os assuntos tratados demonstrando a importância de planejar novas formas de abordagem/tratamento das questões relacionadas à sexualidade humana no ambiente escolar, não somente com educadores/as, mas em conjunto com toda a comunidade escolar, envolvendo principalmente os/as jovens, como forma de poder formar cidadãos críticos, reflexivos, autônomos, e respeitosos e conscientes de seus direitos e deveres para com a sociedade

Neste contexto, os/as professores/as e funcionários/as tiveram a oportunidade de repensar sobre seus conhecimentos e refletir sobre suas atitudes de forma mais natural e igualitária, ao realizar a abordagem e/ou tratamento, possam ter condições de contribuir para a formação de um adolescente/jovem reflexivo, autônomo e crítico.

O tratamento da sexualidade despertou nos professores/as e funcionários/as a concepção de um processo natural do ser humano e que pode ser abordado no ambiente escolar de forma natural, sem preconceitos e tabus, que contribua para a formação de uma sociedade mais justa e igualitária.

#### 4 REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. e SILVA, Mauricio Roberto(org). **Corpo Infância**: exercícios tensos de ser criança; por outras pedagogias dos corpos, Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BRASIL, SECAD/MEC, **GDE – Gênero e Diversidade na Escola**: Formação de Professoras/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais, Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.

BRASIL, SECAD/ MEC, **GDE – Gênero e Diversidade na Escola**: Formação de Professoras/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Caderno de Atividades. Rio de Janeiro: CEPESC, 2009.

BRASIL, MINISTÉRIO DA SAUDE. SECRETARIA DE VIGILANCIA EM SAÚDE, DEPARTAMENTO DE DST, **Aids e Hepatite Virais. Adolescentes e jovens para a educação entre pares**: Sexualidades e Saúde Reprodutiva. Saúde e Prevenção nas Escolas, v. 1. Brasília: Ministério da Saúde, 2011.

\_\_\_\_\_. Adolescentes e jovens para a educação entre pares: Adolescências: Juventudes e Participação. **Saúde e Prevenção nas Escolas**, v. 2. Brasília: Ministério da Saúde, 2011.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Área Técnica de



Saúde do Adolescente e do Jovem. **Política de Atenção Integral a Saúde do(a) adolescente e do(a) jovem**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação sexual**: retomando uma proposta, um desafio, 3. ed. rev. e atual, Londrina: Eduel, 2010.

\_\_\_\_\_ (org.) **Educação sexual**: múltiplos temas, compromisso comum. Londrina: UEL, 2009.

\_\_\_\_\_ (org.) **Educação sexual**: em busca de mudanças. Londrina: UEL, 2009.

\_\_\_\_\_ **Educação sexual no dia a dia**. Londrina: Eduel, 2013.

FURLANI, Jimena. **Educação sexual na sala de aula**: orientação sexual e igualdade étnico racial numa proposta de respeito às diferenças. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane. e GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MAISTRO, Virginia Iara de Andrade. **Projetos de educação sexual na escola**: seus limites e suas possibilidades, 2006, 248 fls. Dissertação, (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2006.

NOGUEIRA, Daniela Macias. **Gênero e sexualidade na educação**. 2010. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/2.DanielaNogueira.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2014.

NUNES, C.; SILVA, E. **A educação sexual da criança**: subsídios e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade. Campinas, SP: Autores Associados, 2000. (Polêmicas do Nosso Tempo, v. 72)

NUNES, César e SILVA, Edna. **Sexualidade(s) Adolescente(s)**: uma abordagem didática das manifestações da sexualidade na adolescência. Florianópolis: Sophos, 2001.

SILVA, Rodrigo de Castro. **A orientação sexual**: possibilidades de mudança na escola. Campinas, SP: Replotina, 2006.

## Filmes

MAGGIE GREENWALD. **Whats Make a Family**. Filme. Estados Unidos da América. 2001. 98 min. Drama.

JASON REITMAM. **Juno**, Filme. JhonMalkovik, Estados Unidos da América. Paris Filmes, 2007. 1h36min. Comédia e Drama.

ECOS – Comunicação em sexualidade. **Era uma vez uma outra Maria**. Vídeio. Ecos, Instituto Promundo, Instituto Papai, Salud Género, Word Education. 20min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-ezAQj3G4EY>, acesso em: 29 set. 2014.